

# Suicídio anunciado em aldeia guarani

Vinte índias denunciam abusos de administrador de reserva e ameaçam se matar

• BRASÍLIA E SÃO PAULO. Vinte índias kaiowás-guaranis das aldeias Bororó e Jaguapiru da reserva de Dourados (MS) firmaram um pacto dramático: elas ameaçam se matar caso a Funai não afaste definitivamente o "capitão" Atanásio Cabreira, encarregado de administrar a reserva. Atanásio, que ocupa o cargo há seis meses, é acusado de levar índias à força para uma cadeia dentro da aldeia Jaguapiru e de estuprá-las com a ajuda de 13 capangas. Além disso, ele estaria escravizando crianças, torturando desafetos e permitindo ilegalmente, mediante pagamento de comissão, a venda de cachaça nas aldeias, inclusive para crianças.

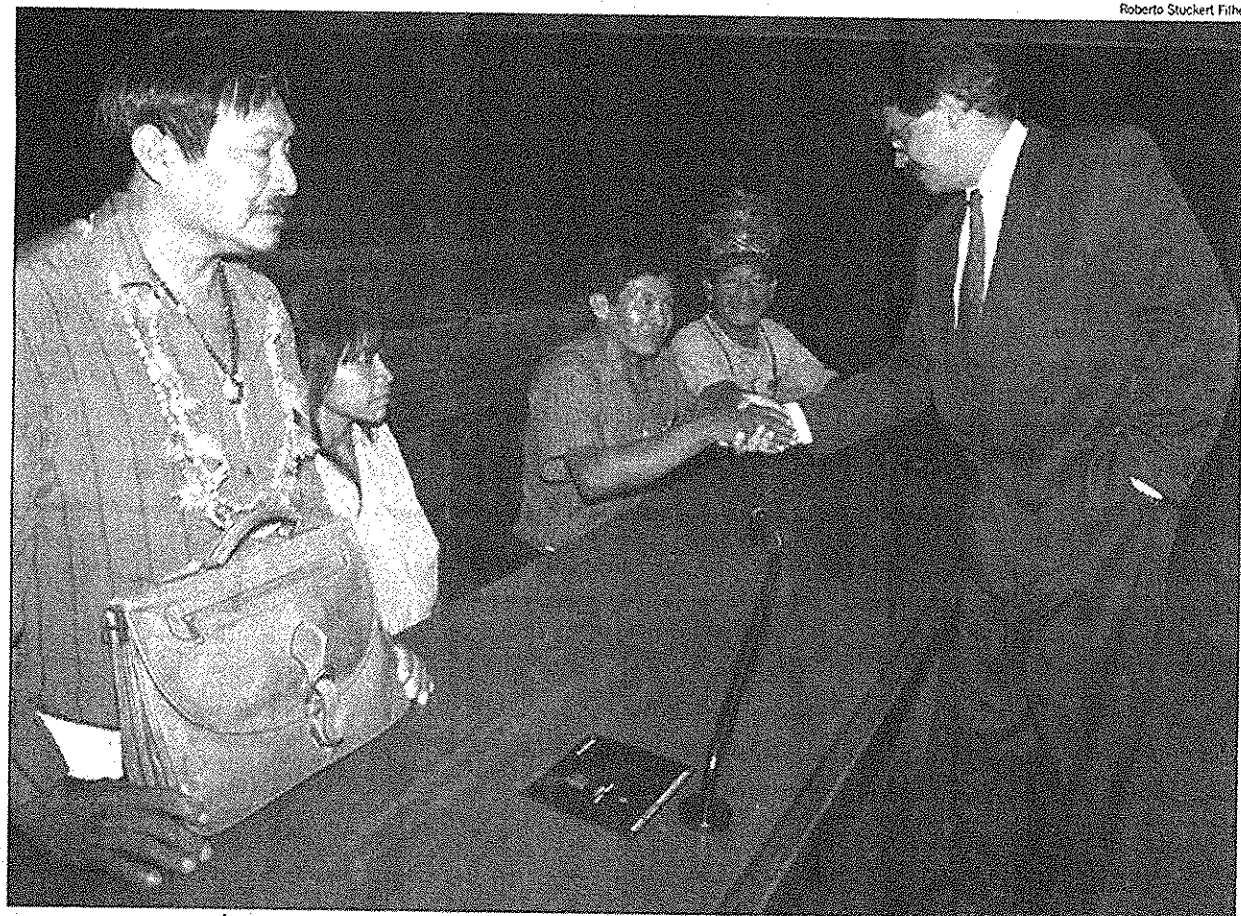
Desesperado com o ultimato das índias, o cacique kaiwoá Narciso Daniel viajou por cinco dias até Brasília e chegou a chorar ao denunciar ontem as violências do administrador para deputados da Comissão de Direitos Humanos da Câmara.

— As índias disseram: "vamos beber um trago de pinga e botar a corda no pescoço". Não quero mais suicídios na tribo. Não vou deixar mais nenhum kaiwoá morrer na mão de branco. Viajamos com sacrifício, sem dinheiro e de baixo de chuva. Só voltamos com uma solução — afirmou o cacique, emocionado.

Os kaiowás-guaranis são os índios que mais cometem suicídios por más condições de sobrevivência nas aldeias. Até agora foram registrados 56, grande parte de crianças.

As guaranis aguardavam apenas o retorno da comissão de cinco índios que está em Brasília para cumprir a palavra. Preocupado, o procurador-geral da República em Campo Grande, Luís Carlos Stefani, se antecipou à Funai, determinando o afastamento de Atanásio e solicitando à Polícia Federal abertura de inquérito.

No Mato Grosso do Sul há 25 mil guaranis espalhados em 22 aldeias. Para o Conselho Indigenis-



O DEPUTADO NILMÁRIO Miranda, presidente da Comissão de Direitos Humanos, recebe a comissão de índios

ta Missionário (Cimi) de Campo Grande, entre as causas que podem explicar o suicídio dos índios figura o confinamento a que foram submetidos pelos brancos, que invadiram suas terras e destruíram sua cultura.

— As aldeias, por causa do pouco espaço, se assemelham a favelas rurais. Para sobreviver, os índios são obrigados a trabalhar em regime de semi-escravidão nas usinas de álcool e nas fazendas da região. O envolvimento com os brancos chega a tal ponto que em algumas aldeias já existem casos comprovados de tráfico de maconha — denuncia Maurício Pauletti, do Cimi.

Atanásio é acusado de implantar o terror na tribo, agredindo os índios e amarrando crianças de 10 anos pelas pernas para obrigá-las a trabalhar na roça.

— Ele e os capangas embriagam os índios e depois começam a judiar. Tem que tirar os três bolichos (bares) que vendem pinga na aldeia — disse o kaiwoá-guarani Samuel, que acompanhou o cacique até Brasília.

### 'Ele tira a nossa roupa e faz coisas feias diante dos outros'

Os deputados ouviram também o depoimento da índia Larice Carapé, que disse ter sido ameaçada pelo administrador por reclamar dos abusos.

— Ele disse que vai me pegar na marra e me levar para a cadeia. Lá ele tira a nossa roupa e faz aquelas coisas feias na frente dos outros — contou.

A comissão de guaranis que está em Brasília já tinha denunciado ao Cimi e ao Centro de Defesa da Cidadania e dos Direitos Hu-

manos Marçal de Souza (CDHMS) a situação das duas aldeias. Em 28 de fevereiro o CDHMS enviou ao ministro da Justiça, Nelson Jobim, um termo de declaração de índios guaranis denunciando as arbitrariedades de Cabreira.

Enquanto isso, os índios xoclogues da reserva de Ibirama (SC) que há uma semana ocupam a sede da Funai em Curitiba (PR) ficaram ontem sem telefone e sem comida. A direção do órgão resolveu cortar a linha e suspender a entrega de marmitas para os 180 ocupantes. O número de refeições foi reduzida a 60, priorizando mulheres e crianças. Os índios querem que a administração da reserva de Ibirama, transferida para Curitiba mês passado, volte para o escritório de Chapecó (SC) e que um índio seja mantido à frente do posto. ■